

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

TAHEREH MAFI



OBSERVA-ME

LIVRO 1

**SECRET
SOCIETY**

**AVISOS
DE
CONTEÚDO**

Confinamento

Gravidez de risco

Morte

Saúde mental

Separação de famílias

Violência



A dúvida da próxima geração não será como libertar as massas, mas sim como fazer com que apreciem a sua servidão.

— Aldous Huxley



*Ninguém jamais saberá a violência que foi
necessária para me tornar tão meigo.*

— Desconhecido

CAPÍTULO 1

ROSABELLE

Quando abro o armário, as prateleiras estão vazias.

Não é nenhuma surpresa, é claro; as prateleiras estão vazias há semanas. É pela Clara que eu faço questão de as abrir todas as manhãs, fingindo que pode haver mais do que a mesma barata assustadiça a viver lá dentro.

Fecho a porta do armário e viro-me para ela. A Clara nunca saiu da cama, a menos que eu a carregue; hoje, está sentada e a olhar pela janela gelada, os olhos ainda mais pálidos devido ao clarão da luz da manhã. A mão dela treme enquanto puxa a cortina surrada e um brilho azul ilumina brevemente o vidro.

— Estamos sem pão — digo. — Vou sair.

As vezes, a Clara deixa-me sair sem fazer perguntas. Outros dias, pergunta-me como pago pela comida que trago para casa. Hoje, ela diz:

— Ontem à noite, sonhei com a mama.

Mantenho o rosto impassível.

— Outra vez?

A Clara vira-se para mim, tão magra que os seus olhos parecem encovados no rosto.

— Ela não estava bem, Rosa. Estava a sofrer.

Calço as botas, abanando a cabeça enquanto me aproximo de um feixe de luz.

— Foi apenas um sonho — digo-lhe. — Os mortos não sofrem.

A Clara desvia o olhar, outra vez.

— Tu dizes sempre isso.

— E tu olhas demasiado para a fotografia dela — responde, atando os atacadores. Hoje, não tremo da mão direita e sinto uma onda de alívio ao endireitar-me, seguida por um lampejo de terror ao reparar no fogo a diminuir na lareira... e na pilha de lenha a desaparecer ao lado dela. Reprimo o terror. — Além disso — acrescento —, tu mal a conheceste.

— Bem, tu quase não falas dela — responde a Clara, com um suspiro.

Pela janela, vejo um pica-pau ruivo e fico hipnotizada a observá-lo martelar com o bico num tronco coberto de musgo. Já passou pouco mais de uma década desde a queda do Restabelecimento — pouco mais de uma década desde que vivemos aqui, na Ilha Ark — e eu gostava de também poder bater com a cabeça repetidamente contra uma superfície dura todos os dias. Respiro fundo, ignorando a dor constante da fome.

Ainda é estranho ver os pássaros.

Enchem o céu com sons e cores, sacudindo telhados e galhos. À nossa volta, as árvores sempre-verdes elevam-se em espiral em direção ao céu, sem nunca se render às estações. Aqui está sempre húmido, verdejante, frio. Os lagos brilham sem motivo aparente.

As cadeias de montanhas distantes parecem pintadas em aguarela, camadas de dentes tornadas translúcidas pela neblina. As pessoas aquecidas e bem alimentadas costumam dizer que esta terra é bonita.

— Não vou demorar muito — digo, abotoando o casaco velho do pai. Há alguns anos, cortei as insígnias militares com uma

lâmina romba, ganhando uma cicatriz no processo. — Vou ver se consigo reacender a lareira quando voltar.

— Está bem — diz a Clara, baixinho. Depois: — O Sebastian passou por cá ontem.

Fico tensa.

Muito lentamente, volto a mexer-me, enrolando o cachecol esfarrapado da minha mãe muito apertado à volta do pescoço. Ontem, tive permissão para trabalhar no moinho e, quando cheguei a casa, a Clara já estava a dormir.

— Ele veio entregar o correio — diz ela.

— O correio — repito. — Ele veio até cá só para entregar o correio.

A Clara acena com a cabeça, depois enfia a mão debaixo da almofada para pegar num jornal dobrado e num envelope grosso e sem identificação, que me oferece. Guardo os dois no bolso do casaco sem olhar para nenhum deles.

— Obrigada — digo, baixinho. Imagino, por um momento, como seria cortar a garganta do Sebastian.

A Clara inclina a cabeça para mim.

— Ele disse que faltaste à reunião da semana passada.

— Estavas doente.

— Foi o que lhe disse.

Olho para a porta.

— Não precisas de lhe dizer nada.

— Ele ainda quer casar contigo, Rosa.

Levanto a cabeça bruscamente.

— Como é que sabes disso?

— Seria assim tão terrível? — Ela ignora a minha pergunta, tremendo violentamente. — Não gostas dele? Pensei que gostavas.

Viro-me para a nossa cozinha pequena, o fogão pequeno, a mesa e as cadeiras velhas que nunca usamos. A placa de madeira pendurada acima do lavatório.

A nossa sociedade
REESTABELECIDA
O nosso futuro
REDEFINIDO



A minha visão torna-se desfocada.

Eu tinha 10 anos quando cheguei a casa e encontrei um urso preto a devorar os nossos últimos alimentos. A Clara tinha 3 anos; a mãe tinha morrido há três dias. Não me lembro de ter matado o urso nem de ter enterrado o que restava da minha mãe.

Lembro-me do sangue.

Lembro-me das semanas que levei para esfregar o chão. As grades do berço da Clara. O teto. As últimas palavras da minha mãe para mim foram «fecha os olhos, Rosa», só que ela fechou os dela e eu mantive os meus abertos. Levou a arma à boca, poucas horas depois de sabermos que o meu pai não seria mais executado por crimes de guerra. Ele trocou-nos a todas por uma meia-vida, vendendo segredos ao inimigo em troca de uma decomposição lenta na prisão. Eu costumava pensar que a minha mãe se havia matado porque não conseguia suportar a vergonha. Agora, tenho a certeza de que foi porque sabia que seria forçada a pagar pela traição do meu pai.

Talvez ela pensasse que lhe iriam poupar as filhas.

Pego na pele de urso do gancho e coloco-a sobre os membros trémulos da Clara. Ela odeia a pele. Diz que a dor do urso ainda paira na cabana, que a faz bolsar mesmo depois de todos estes anos. Portanto, quando ela permite que a pele repouse sobre os seus ombros sem protestar, sei que a situação é grave.

— Se casasses com o Sebastian, as coisas seriam melhores — diz a Clara, reprimindo outro arrepio. Ela faz uma pausa para tossir e o som perfura-me a cabeça. — Eles levantariam as sanções. Não terias de fingir que temos comida nos armários todas as manhãs.

Lentamente, olho-a nos olhos.

Lembro-me de quando a Clara nasceu, quando olhei para ela e me perguntei se a minha mãe tinha dado à luz uma boneca. Só mais tarde percebi que eu também devia ter parecido estranha quando nasci: toda fantasmagórica e frágil. Costumo observá-la quando ela dorme ou quando a doença a domina de tal forma que entra em coma. Aos 13 anos, ela é terna e otimista, nada como eu na mesma idade. Ainda assim, apesar dos sete anos de diferença entre nós, eu e ela somos fisicamente semelhantes: assustadoramente pálidas; cabelo tão louro que é quase branco; olhos de um tom desorientador de frio. Olhar para a Clara é como olhar para o passado, para o que eu costumava ser, para quem eu podia ter sido.

Eu também já fui delicada.

— Acho mesmo que ele te ama — diz ela, com os olhos a brilharem de emoção. — Devias ter ouvido a forma como ele falava de ti... Rosa, espera...

Não me despeço da minha irmã.

Pego na espingarda automática arrumada na entrada, puxo a alça por cima da cabeça e coloco uma baladava surrada no rosto. Saio para o frio e os flocos grossos pousam-se nas minhas pestanas, enquanto a porta da frente se fecha atrás de mim, abafando brevemente o som da voz dele. É a única explicação para me ter assustado.

— Rosabelle — diz ele, passando à minha frente com um sorriso. — Continuas morta por dentro?

CAPÍTULO 2

ROSABELLE

Contorno o Tenente Soledad, passando distraidamente a mão pela arma fria pendurada no peito. O Soledad já não é o tenente que era antes; o título é uma relíquia de outros tempos. Neste mundo novamente imaginado, ele é o chefe da segurança da ilha, o que o torna nada mais do que um intrometido glorificado. É um tirano.

Aceno aos rostos familiares à medida que passam, os seus olhos ansiosos a seguir-me e ao Soledad, que se colocou ao meu lado. A neve começa a acumular-se no chão; espirais de fumo saem das chaminés empilhadas, manchando o céu como pinceladas aleatórias. Ajusto a balaclava no rosto; a lá está velha e faz comichão. Estou impaciente.

— Pensei que o nosso encontro fosse amanhã — digo, secamente.

— E eu pensei em fazer-te uma surpresa — responde ele.

— Interrogatórios improvisados costumam produzir resultados interessantes.

Eu paro e viro-me para ele.

Lembro-me de quando o Soledad era jovem, em forma e cheio de bazófia — quando servia sob o comando do meu pai,

o comandante-chefe e regente do Setor 52. Agora, tem um peito largo, mas mole, encurvado. A pele é cerosa, o cabelo ralo. Ele carrega o ar estagnado de outro tempo, a única evidência remanescente daquela época impressa no rosto. Um brilho azul suave pulsa-lhe nas têmporas, os olhos escuros ocasionalmente a brilhar, escurecendo logo depois.

Sem querer, sinto o braço direito a tremer.

Silenciosamente, mudo os planos para o dia, sentindo a pressão de uma única chave física enfiada dentro do bolso falso costurado no casaco velho do meu pai. A única fechadura que posso está trancada no barracão camouflado na floresta para lá da cabana — que eu pretendia visitar primeiro e que agora terei de evitar. Ninguém no fosso sabe da fechadura porque é ilegal; as casas no fosso devem ser sem fronteiras. Também as nossas mentes devem estar sempre disponíveis para qualquer inspeção. Era assim que nossos pais faziam, era assim que o Restabelecimento funcionava.

Vigilância é segurança, costumava dizer o meu pai. *Só os criminosos precisam de privacidade.*

Olho para o Soledad, que ainda usa o uniforme militar antigo, com o emblema tricolor de uma era enterrada adornando o bolso da frente. Ele perdeu um braço durante as escaramuças pós-revolucionárias e usa a sua prótese com orgulho, com uma manga arregaçada para revelar o brilho prateado da maquinaria muscular.

— Então — continua ele. — Podemos instalar-nos aqui ou voltar para a central. A escolha é tua.

Lanço um olhar furtivo ao redor do fosso, que engloba um conjunto de cabanas, com janelas quadradas a brilhar na luz cinzenta da manhã. As pessoas aceleram o passo, de cabeça baixa, evitando o contacto visual com o Soledad, que nunca visitou o fosso sem causar algum dano. Aqueles que vivem aqui foram sancionados — excluídos da comunidade por várias infrações —, mas ninguém

vive cá há mais tempo do que eu e a Clara, que nunca conhecemos outro lar na ilha. Nas semanas caóticas após o massacre dos comandantes supremos, o meu pai enviou-nos para cá com a nossa mãe, prometendo seguir-nos assim que pudesse. Acontece que o pai ficou para trás de propósito, rendendo-se voluntariamente aos rebeldes. Como recompensa, fomos punidas assim que chegámos.

— Temos de fazer isto agora? — pergunto, pensando na Clara, a tremer e esfomeada. — Preferia manter a marcação para amanhã.

— Porquê, tens planos para esta manhã? — pergunta ele, como se fosse uma piada. — Hoje, não podes ter um turno no moinho.

Uma pontada aguda de fome atravessa-me, quase tirando-me o fôlego.

— Tenho algumas coisas para fazer.

O Soledad agarra-me o queixo e eu reprimoo um tremor, estabilizando-me enquanto sou obrigada a olhar para ele. Olha-me nos olhos por um momento, antes de me soltar, e eu reprimoo a onda de repulsa no peito, obrigando o meu coração acelerado a abrandar.

Relembro-me que estou morta por dentro.

— É tão estranho não saber o que estás a pensar — diz ele, com uma ruga a formar-se entre as sobrancelhas. — Depois de todos estes anos, ainda não me habituei a isso. Torna difícil acreditar que estás sempre a dizer a verdade.

Outro tremor leve percorre-me a mão direita. Sou a única pessoa aqui que não está conectada ao Nexus. Até a Clara foi conectada antes do pai ser preso. Pouco antes do fim, todos os civis sob a diretiva do Restabelecimento foram conectados à rede neural, um programa rapidamente desmantelado pelo regime novo. O Soledad e os outros gostam de nos lembrar que a razão pela qual perdemos a guerra foi porque os rebeldes não tinham recebido um chip.

Não tenho nenhuma desculpa aceitável.

— É uma pena que não consigamos colocar-te de novo online, ao que parece — diz o Soledad, por fim. — As coisas podiam ter sido mais fáceis para ti.

As memórias voltam à vida: metal frio; gritos abafados; pesadelos induzidos por drogas. Com a minha mãe morta, não havia ninguém para implorar que parassem. Ninguém que se importasse se as suas experiências iriam acabar por me matar.

— Não podia estar mais de acordo — minto.

O Soledad muda de posição. Veias azuis, feitas de luz, pulsam através do braço metálico, dedos prateados a brilhar enquanto são flexionados e curvados.

— Então — diz ele. — Porque faltaste à reunião na semana passada?

Assim, sem mais nem menos, começou um interrogatório não oficial. Aqui, neste frio glacial. Enquanto os vizinhos observam.

Sei que, provavelmente, a Clara pode ver-nos da janela.

Há um coro repentino de gritos e o meu coração dá um salto, acalmando-se apenas quando vejo os gémeos da Zadie, Jonah e Micah, a brincarem na neve. Um deles dá um soco no outro, e essa conquista é pontuada por gargalhadas. Sinto o cheiro da carne do pequeno-almoço vindo de uma cabana próxima e os meus joelhos quase cedem.

Volto a olhar para o Soledad.

— A Clara estava doente.

— Em coma?

— Não. — Desvio o olhar. — Ela passou a maior parte da noite a vomitar.

— Comida?

— Sangue — esclareço.

— Certo. — Ri-se o Soledad. Ele avalia-me através do casaco demasiado grande do pai. — Isso faz mais sentido, considerando o facto de que vocês estão ambas a morrer de fome.

— Não estamos a morrer de fome. — Outra mentira.

Um circo novo de sons causa um curto-círcuito no meu sistema nervoso. Um bando de corvos pousa pesadamente num telhado próximo, com gritos assustadores e batidas de asas. Observo-os, fascinada por um momento pelo brilho iridescente das penas pretas, quando dois tiros ensurdecedores ecoam.

Enrijeço por impulso. Depois, forço-me a relaxar, a flexionar os dedos, a acalmar a pulsação.

— Malditos pássaros — murmura o Soledad.

Ele caminha até aos corpos caídos, depois pisa os ossos ocos e pequenos, espalhando sangue e penas na neve. Pestanejo, exalando suavemente no frio. Estou morta por dentro há anos, relembro-me.

A maioria das pessoas aqui odeia os pássaros pelo que representam. Os pássaros significam que o Restabelecimento foi destronado, que o projeto praticamente fracassou. A Nova República e os líderes traidores — os filhos dos comandantes supremos caídos — têm sido uma fonte de ódio desde que me lembro.

Sei que a Clara fará perguntas sobre os tiros.

— Tenho um trabalho de verdade para ti, se estiveres interessada — diz o Soledad, agora limpando as botas num pedaço de chão limpo.

Olho para cima. A compreensão é rápida.

— Não vieste aqui para um interrogatório.

O Soledad sorri-me, mas os seus olhos são indecifráveis.

— Nunca te escapa nada. Sempre odiei isso em ti.

— Quantos desta vez? — pergunto, com o coração a começar a bater num ritmo traíçoeiro.

— Temos quatro no total. Três já foram processados. O novo chegou ontem à noite e ele é definitivamente... — Os olhos do Soledad brilham, ficando com um tom azul desumano. De repente, vira-se, marcha até aos gémeos que ainda lutam na neve,



agarra um deles, o Micah, pelo pescoço e empurra-o, com raiva, para o chão. — Vocês acabaram de perder as rações da semana.

O Jonah lança-se para a frente.

— Mas... Nós estávamos apenas a brincar...

— Ele ia arrancar-te o olho — grita o Soledad, e então sacode a cabeça num movimento familiar.

O Micah grita.

O Jonah fica imóvel, mas fixa um olhar no irmão, que está deitado no chão, agora em silêncio e a tremer violentamente. Ouve-se o bater de uma porta, um grito repentino, e a mãe deles, a Zadie, vem a correr. O Soledad abana a cabeça com repulsa e o Micah é libertado da sua paralisia. Com algum esforço, o rapaz recupera nos braços da mãe.

— Desculpe, senhor — diz o Micah, com o peito a arfar. — Eu não queria...

O Soledad dirige as próximas palavras à Zadie.

— Se não conseguires com que estes dois idiotas parem de agir como animais, irás passar mais um ano no fosso. Está claro?

Cabeças aparecem e desaparecem nas janelas vizinhas.

A Zadie assente, murmurando algo inarticulado, depois agarra nos filhos e sai a correr.

No silêncio que se segue, o Soledad volta para o meu lado, a perscrutar-me à procura de uma reação, mas eu sou cuidadosa, como sempre, para não revelar nenhuma emoção. É a única maneira de sobreviver por aqui, onde sou vigiada não apenas pelo sistema, mas também pelos olhos de todos os que encontro — até mesmo pela minha própria irmã.

Vigilância é segurança, Rosa.

Só os criminosos precisam de privacidade.

Só os criminosos precisam de privacidade.

Durante tantos, tantos anos, acreditei em tudo o que o meu pai dizia.

Esses foram os anos em que o Soledad era amigo da família; os anos em que vivíamos numa casa acolhedora e confortável, em que a comida era abundante, em que a ama me vestia com roupas de seda antes de me fazer tranças no cabelo.

Fu descia as escadas às escondidas durante os jantares da mãe só para ouvir o som do seu riso.

— Quantos mais serão necessários até levantares as sanções? — pergunto, tirando a balaclava da cabeça. Sinto a estática do cabelo; a compressão do peito. O vento forte bate-me no rosto, mas o ar gelado é bem-vindo contra a minha pele aquecida.

O Soledad abana a cabeça.

— Não posso responder a isso. O teu pai ainda está vivo, a passar segredos ao inimigo. Enquanto não soubermos o que se passa na tua cabeça, serás sempre um ponto de interrogação. — Ele encolhe os ombros e desvia o olhar. — Todos fazemos sacrifícios pela segurança da nossa nação, Rosabelle. Pela segurança do nosso futuro. Este é o teu sacrifício... e pode nunca ter um fim.

Ele volta a olhar para mim.

— Ouve — diz ele. — Podes matá-los todos de uma vez ou um de cada vez. Deixo que decidias. Quando terminares, vou ver se consigo arranjar alguns medicamentos à Clara.

— E comida — digo, rápido demais, depois faço uma pausa, levando um momento para me recompor. — E lenha.

— Todos de uma vez, então — diz ele, semicerrando os olhos.

— Todos de uma vez — concordo. — E agora mesmo.

O Soledad levanta as sobrancelhas.

— Tens a certeza? Existe uma que não para de gritar. Ela teve uma reação adversa ao sedativo.

Sinto um calor fora de época. Com demasiada roupa. Distraindo-me, enfiando a balaclava no bolso do casaco do pai e o envelope grosso de há pouco corta-me o dedo. A dor concentra-me.

Não é necessário matá-los dessa forma.

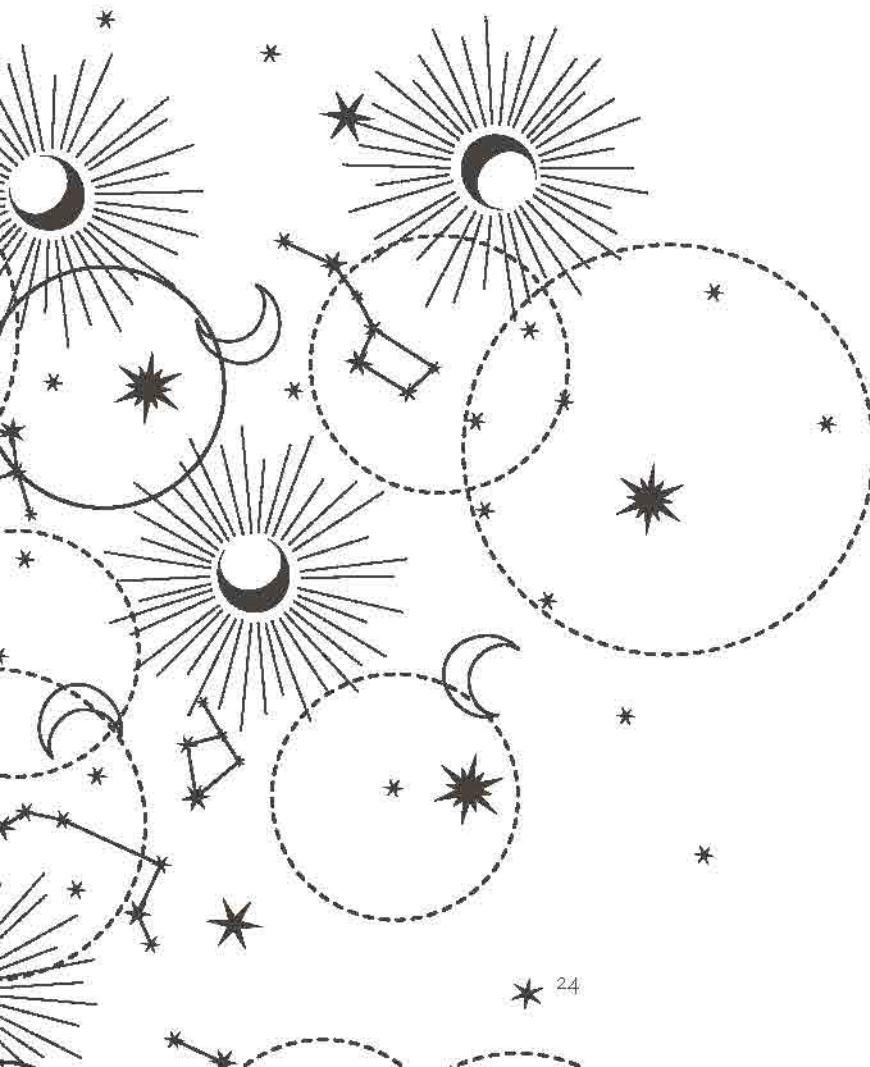
Temos entre nós alguns dos melhores médicos e cientistas do mundo; possuímos maneiras muito mais avançadas e humanas de matar os espiões raros que conseguem invadir a Ilha Ark.

É claro que matá-los não é humano.

— Importas-te com a forma como os mato? — pergunto, e a minha voz está misericordiosamente firme.

O zumbido elétrico do helicóptero atrai a minha atenção para o céu. A Clara há de o ver. De saber o que significa.

— Não me importo com a forma como o fazes. — Agora, o Soledad sorri; um sorriso verdadeiro. — Sempre foste criativa.



DEZ ANOS APÓS A QUEDA DO RESTABELECIMENTO

James Anderson tinha um plano. Ou metade de um plano. Consegiu fazer o que o seu irmão, o famoso Warner, nunca fez: infiltrar-se na Ilha Ark, o último refúgio do Restabelecimento. Estar preso numa cela não diminui em nada a sua vitória.

Rosabelle Wolff tinha um plano. Ela tem sempre um plano. Na Ilha Ark, ela é uma assassina, e quando recebe uma ordem para matar, nunca hesita.

Dez anos depois de Juliette e Warner liderarem uma rebelião mundial, o Restabelecimento tem um novo plano devastador... e não vai parar até o executar com precisão.

Regressa ao universo *Shatter Me*
para uma viagem explosiva
por cenários distópicos,
onde um enemies to lovers
nunca pareceu tão impossível.

The New Republic, um spin-off *Shatter Me*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
@secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-468-8

